

ORGANIZADORAS

Maria Aparecida Baccega
Andréa Celeste Montini Antonacci
Joana A. Pellerano

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSUMO

as interfaces da teleficção

| São Paulo | 2022 |



Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello

Editora executiva Patricia Bieging

Coordenadora editorial Landressa Schiefelbein

Assistente editorial Caroline dos Reis Soares

Diretor de criação Raul Inácio Busarello

Editoração eletrônica Lucas Andrius de Oliveira
Peter Valmorbida

Imagens da capa Mego-Studio, Bnmk0819, Moviafilmes,
Macrovector, Copperpipe - Freepik.com

Revisão Andréa Celeste Montini Antonacci

Organizadoras Maria Aparecida Baccega
Andréa Celeste Montini Antonacci
Joana A. Pellerano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação, educação e consumo: as interfaces da teleficção. Maria Aparecida Baccega, Andréa Celeste Montini Antonacci, Joana A. Pellerano - organizadoras. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, 259p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-224-7 (brochura)

978-65-5939-225-4 (eBook)

1. Comunicação. 2. Educação. 3. Consumo. 4. Telenovela.
5. Ficção. I. Baccega, Maria Aparecida. II. Antonacci, Andréa
Celeste Montini. III. Pellerano, Joana A.. IV. Título.

CDU: 30
CDD: 300

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.254

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 2

APRESENTAÇÃO

O QUE NÃO VI NA TELENOVELA: À MANEIRA DE UMA APRESENTAÇÃO

Adilson Citelli

Para

*Juscilene Alves de Oliveira:
que sempre esteve perto*

Em janeiro de 1996, Maria Aparecida Baccega deu entrevista à Revista *Veja* que causou alguma confusão nos arraiais acadêmicos e mesmo fora deles. A professora defendia o estudo das telenovelas por considerá-las como produtos culturais importantes para se conhecer a vida brasileira. O proferimento reuniu estranha convergência de contrariedades. De um lado, matérias na imprensa e cartas de leitores consideravam a pesquisa com telenovela perda de tempo e indevido gasto de dinheiro público. De outro, havia no ambiente acadêmico os que identificavam na fala da professora certo tributo à indústria de entretenimento, com as suas devidas camadas manipulatórias e alienantes. Ademais, não faltaram desconfianças dos produtores de telenovelas por enxergarem no repentino interesse acadêmico a montagem de um sistema crítico ao o próprio gênero de largo sucesso no país.

A rigor, a entrevista apenas dava trânsito a um processo que vinha se desenvolvendo desde os inícios dos anos 1990 e que resultou na criação do Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN-ECA-USP), do qual Maria Aparecida Baccega seria coordenadora no período 1997-2000. Daí surgiu o Projeto Integrado *Ficção e Realidade: a telenovela no Brasil, o Brasil na telenovela*, que teve financiamento da FAPESP. Tratou-se de marco importante haja vista a maneira como o trabalho foi estruturado, em subgrupos com vários docentes cuja obra viria a se consolidar neste âmbito de pesquisa, e que abrangia temáticas envolvendo o estudo estrutural das narrativas teleficcionais, passando por interconexões históricas, culturais, étnicas, até os problemas afeitos à produção e recepção do “folhetinismo eletrônico”.

Com a aposentadoria na USP e nova etapa profissional iniciada junto ao programa de pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em período que se desdobraria de 2003 a 2020, Maria Aparecida Baccega retoma, com ênfase, a partir de 2009, o trabalho em torno da teleficção, contribuindo para formar mestres e doutores voltados aos inúmeros nexos permitidos pela pesquisa na área e de que servem como exemplos: os vínculos comunicação, educação e consumo; os fenômenos da transmidiatização; problemas de bullying e violência nas escolas. Enfim, nas proposições narrativas das séries e novelas, transitadas através dos múltiplos dispositivos comunicacionais contemporâneos, é possível reconhecer manifestações de largo espectro facultadas pelos diálogos sociais e presentes nos planos das sociabilidades, dos afetos, dos roteiros educativos escolares, da conformação de valores, das projeções simbólicas, dos hábitos de consumo, para não alongarmos as referências.

Last but not least, estamos diante de um plano de trabalho – do qual este livro é expressão – presente há tempos no horizonte de preocupações de Maria Aparecida Baccega. Tal *continuum* de pesquisa

nos permite associar à professora a palavra *scholar*, atribuída, numa das possibilidades de uso na língua inglesa, para alguém que se dedica com afinco e de modo verticalizado a determinado assunto.

A entrevista da qual partimos para realizar esta apresentação parecia, já em seu anúncio, indicar um longo caminho a ser trilhado, reconhecendo na telenovela não apenas um produto de *diverssiment*, mas algo merecedor de visagem acadêmica, que requisita o acionamento de metodologias, mecanismos próprios de abordagem, análise e reflexão crítica – postas em perspectiva transdisciplinar e na apreensão das variáveis discursivas e dos contextos socioculturais que as ensejam. A coragem para enfrentar tal programa ajudou a afastar de muitos de nós o olhar de través sobre um tipo de produção cultural que parecia dotada de valor menor. Enquanto isso, o IBOPE registrava índices de audiência que alcançavam – ao menos no período mais venturoso das telenovelas – a ordem de 50-60 pontos, mostrando existir um Brasil que se reconhecia ou se dava a reconhecer naquele gênero ficcional, malgrado os esgares a ele dispensados por determinados setores sociais. Pessoalmente, pouco ou nenhuma simpatia dispensava ao produto que tinha a incrível capacidade de juntar famílias inteiras visando a seguir, diariamente, as venturas e desventuras de Odete Roitman, Maria de Fátima ou Felipe Barreto.

Ocorre que no meio do caminho havia *O rei do gado*, telenovela que alguém já chamou de épico dramático, a expor em seus 209 capítulos (passados em período de 17 de junho de 1996 a 14 de fevereiro de 1997), os antagonismos entre as famílias Mezenga e Berdinazzi. O pano de fundo apresentava o velho problema brasileiro da posse da terra, em sua marcha de pobreza e riqueza associada aos deslocamentos no campo e à concentração de renda, esclarecida na decadência do ciclo cafeeiro e crescimento do agronegócio – com expressão metonímica na região de Ribeirão Preto. E numa ampliação

histórica, o roteiro de Benedito Ruy Barbosa e a direção geral de Luiz Fernando Carvalho, trouxeram as temáticas da reforma agrária (dois meses antes da estreia de *O rei do gado* ocorreu o massacre de Eldorado dos Carajás, no qual foram mortos pela polícia militar do Pará, dezenove trabalhadores rurais), e do Movimento sem Terra (MST).

E quando a discussão sobre novela ou não novela engrossava, Baccega avocava a fala de João Pedro Stédile, dirigente do MST: “A novela ajudou a fazer as pessoas nos olharem de maneira diferente. Nos deu status de cidadãos”. Ou seja, a teleficção parecia carrear consigo algo mais do que simples estratégia de despistamento alienador, podendo nela residir, ao mesmo passo, o entretenimento e a discussão sobre as contradições políticas e ideológicas dos sujeitos e do próprio país. Por embates diversos, o amigo cético que assina esta apresentação aprendeu com a amiga aderente que existia algo além das aparências para ser visto nas telenovelas: o *diverssiment* carregava consigo nuances de significação cujos limites transcendiam o glamour das celebridades, o falseamento da história, o efeito narcotizante, a pura reificação¹.

O presente livro pode ser lido dentro deste ambiente complexo. E o grupo que o elabora, o *Comunicação, Educação e Consumo: as interfaces na teleficção*, – coordenado no PPGCOM-ESPM por Maria Aparecida Baccega até 2020, quando do falecimento dela – nos oferece significativa amostra das pesquisas e reflexões que foram levadas a termo no período. No material lido identifico ao menos duas faces integradas. Uma referente ao projeto que articula o grupo de pesquisa em seu ensejo de aprofundar a temática assinalada e tendo como instância última de amarração os vínculos comunicativo-educativos e de consumo. Outra traduzida nos dez textos dedicados ao exame dos

1 O conceito de entretenimento vem sendo revisto, a exemplo do que faz Byung-Chul Han, em *Bom entretenimento*. Petrópolis: Vozes, 2019

subtemas confluentes à citada proposição e empenhados na análise amíuude do problema a ser perscrutado.

Seria tarefa demasiada para esta apresentação detalhar cada um dos artigos componentes do livro, tarefa reservada à agudeza dos leitores e das leitoras, motivo pelo qual indico, sumariamente, linhas de força que os conduzem. Os referidos trabalhos estão unificados pelo *leitmotiv* da teleficção, e buscam compreender o gênero a partir de um conjunto de subáreas, de que seguem exemplos: organização estrutural das narrativas; presença dos estereótipos e dos mecanismos de representação; hábitos de consumo das telenovelas; exame dos andamentos da teledramaturgia brasileira.

A educação formal é contemplada, diretamente, por quatro dos artigos que miram desde a vivência dos/das discentes e docentes com a teleficção até a maneira como nela as imagens da escola e seus agentes são representadas. Sucedem-se escritos provocativos envolvendo a presença da velhice na telenovela; a elaboração das imagens ostentativas na narcocultura (ver a análise da personagem de *A força do querer*, Bibi Perigosa); a indagação acerca da exegese em teledramaturgia (dividida entre o comentário jornalístico e a crítica propriamente dita); a apropriação midiática *crossmedia* em telenovela infantojuvenil; a construção dos elementos simbólicos que ensejam o consumo na Inglaterra eduardiana – em exame no artigo voltado à série britânica *Mr. Selfridge*. Enfim, na perquirição das telenovelas e das séries é possível reconhecer a construção dos processos de representação e simbolização social postos em circulação na cena pública.

Os artigos reunidos neste livro esclarecem merecida homenagem ao último movimento de pesquisa e estímulo à aventura intelectual em torno da teleficção realizado por Maria Aparecida Baccega. Entretanto, mais do que isso, temos a evidência de como o trabalho coletivo

realizado de maneira criteriosa promove decisiva contribuição para adensar determinado campo de estudos. Ao fim e a ao cabo, o tributo aqui manifesto é o reconhecimento de uma jornada que deixaria a professora fundamentalmente orgulhosa.

Adilson Citelli

SP. Março de 2021

